

COMPETITIVIDADE SISTÊMICA DO PÓLO DE CONFECCÕES DE JEANS NA REGIÃO DE RIO DO SUL – SC - BRASIL

Gilmar Paulinho Triches, mestrando Desev. Regional

FURB, Mestrado Desenv. Regional, FURB, Blumenau, SC, Brasil, mp@softhouse.com.br

Mariel Tambosi, mestrando Desev. Regional

FURB, Mestrado Desenv. Regional, FURB, Blumenau, SC, Brasil, mp@softhouse.com.br

Maristela Macedo Poleza, mestrando Desev. Regional

FURB, Mestrado Desenv. Regional, FURB, Blumenau, SC, Brasil, mp@softhouse.com.br

Nelson Casarotto Filho, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina, CTC/EPS, Bairro Trindade, 88049400, Florianópolis, SC, Brasil –
casarott@eps.ufsc.br

Abstract

This paper analyses the region of Alto Vale do Rio Itajaí in Santa Catarina, Brazil, to implement a territorial development project. The region produces jeans, beside the principal region textil of Brazil (Blumenau), but without integration and low aggregated value. It's important to implement a plan to create value: regional brand, design and technology to products of the region. This paper concerns about this.

Palavras-chave: cluster, regional development, small enterprises.

INTRODUÇÃO

O enfoque desta pesquisa é a competitividade do Pólo de Confeção do Vestuário do Jeans na região da AMAVI, (Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí), cuja sede é a cidade de Rio do Sul.

A importância do trabalho reside no questionamento do modelo econômico, espacial e social, na reunião de dados, hoje dispersos, histórico do setor, situação atual do aglomerado das empresas, competitividade, inserção na economia regional, comportamento do grupo, valorização territorial e conseqüências para o espaço macro.

1 – Desenvolvimento Regional

Segundo a Carta de Chapecó (2000) “são fatores essenciais para o desenvolvimento regional e sustentável: a postura ética, a consciência ecológica e a política de negociação. A sinergia entre esses fatores chama-se desenvolvimento negociado. Só há efetivo desenvolvimento se houver o Desenvolvimento Negociado. O mercado por si não soluciona os problemas de desigualdades, sendo necessário um processo de intervenção. A intervenção macroeconômica, mesmo com mecanismos de compensação, é mera atenuante temporária. É fundamental que haja um Processo Estratégico De Intervenção Regional para a promoção do desenvolvimento nas dimensões Humana, Social, Econômica e Ambiental”.

Vive-se atualmente a era da economia globalizada, com avanço do liberalismo e a retirada do Estado da economia e de muitas funções sociais. Isso pressupõe que outras forças privadas, ou organizações espontâneas, assumam estes papéis.

Um exemplo recente de desenvolvimento de uma região, é o da região da Emilia Romagna, na Itália, onde a cooperação entre empresas e instituições conseguiu estabelecer um forte sistema de redes de pequenas empresas, que aliado a mecanismos de integração, colaboração e desenvolvimento local, conseguiu atingir um dos maiores graus de prosperidade do mundo.

De acordo com a Eurada (apud Casarotto 2001), “*Desenvolvimento Regional é a valorização dos recursos endógenos, por vezes latente a um nível infraregional. Geralmente trata-se de permitir a criação de novas atividades e a satisfação de outras necessidades socioeconômicas a esse nível geográfico.*”

É cada vez mais forte, a corrente que defende que o desenvolvimento regional é um processo endógeno, ou seja, que depende da própria região. O desenvolvimento precisa ser negociado, e o grau de Confiança entre os atores da região poderá possibilitar o estabelecimento de um Sistema Produtivo Local (LPS).

O Sistema Produtivo Local, segundo Casarotto (2001), é a estruturação de redes cooperativas de negócios caracterizadas por uma concentração territorial, especialização em torno de um ou mais produtos básicos e por ativa solidariedade entre os vários atores, com um planejamento territorial com alta interação público-privada, com respeito à cultura e com o objetivo de assegurar a qualidade de vida dos habitantes.

2- Pólo de confecções do jeans do alto vale do itajaí

2.1 - Histórico

Até meados da década de 80 a madeira, possuía ainda alguma expressão na economia regional do Alto Vale do Itajaí-SC, porém com parque industrial pouco diversificado, não apresentava sinais de planejamento estratégico e preparo para enfrentar o fim deste ciclo econômico, que parecia não se esgotar.

Vislumbrando um cenário socioeconômico catastrófico, em função da decadência do ciclo da madeira, a administração municipal de Rio do Sul, no final da década de 80, providenciou uma pesquisa que objetivava conhecer a verdadeira vocação econômica da cidade.

A consulta revelou que o Parque Industrial de Rio do Sul, composto na época por 224 indústrias, apresentava uma situação local favorecida a investimentos nos setores de Metal Mecânico e Setor de Confecção.

O setor metal mecânico, já possuía expressividade na cidade e região em função do ciclo madeireiro, havendo apenas a necessidade de solidificá-lo. O mesmo já não acontecia com o Setor de Confecções, que surgiu pela pesquisa como um novo setor, totalmente potencializado na região, destacando-se justamente por poder aproveitar a farta mão de obra feminina local disponível e os reflexos do setor têxtil de Blumenau que trabalhava políticas de interiorização no Alto Vale do Itajaí, através do regime de facções.

A pesquisa mostrou ainda, que no Setor de Confecções, surgiram em média 2,4 novas empresas ao ano no período de 1970 a 1990, apontando um novo caminho, que necessitava de políticas próprias no sentido de otimizar o perfil encontrado. Revelaram-se também dados interessantes referentes a mão de obra, sendo que 62% da mão de obra disponível, não apresentava especialização e 53% dos empresários viam a necessidade de treinar seus funcionários, constituindo-se isso, outra importante contribuição desta pesquisa.

A partir desta pesquisa, constatou-se o potencial de desenvolvimento do Setor de Confecções para o espaço local e regional, este setor tornou-se um elemento norteador e implementador de políticas dirigidas que certamente reduziram em muito os impactos sociais econômicos que estavam por vir, com o fim da atividade extrativista da madeireira. Podemos afirmar que os responsáveis por esta pesquisa e a manipulação destes dados tiveram importância ímpar, visto que permitiram o traçado de um cenário, para o qual o caminho foi gradativamente sendo aberto.

2.2 O setor de confecções

A Confecção, voltada para a produção de peças de jeans é muito recente em Rio do Sul, pode-se considerar como 1978 um ano importante para o setor com o início das

atividades de confecção, com as empresas Dacksul e Tecidos Leal, trabalhando de forma comercial mais expressiva. A organização inicial das empresas que trabalham neste setor foi do tipo familiar, com empresas “mãe” de onde surgiram outras, obedecendo a conhecidas formas de gestão desta espécie de gestão.

Inicialmente toda a produção acontecia sob a forma de facção de fundo de quintal, onde várias costureiras treinadas, responsabilizavam-se pela entrega de determinado lote de peças previamente encomendadas. Os moldes eram todos desenhados de forma muito artesanal e a matéria prima, o jeans, bem como todos os componentes, aviamentos, lavação e tingimento, adquiridos fora da região. Igual processo sofriam os componentes para as máquinas de costuras, comprados principalmente em Blumenau.

Outro aspecto importante a salientar é que 80% dos atuais donos deste tipo de confecção são provenientes do meio rural, empregam um número significativo de dependentes na família e o grau de instrução é de baixa escolaridade no geral.

2.3 Das ações desenvolvidas

Tomando por base dados encontrados na pesquisa citada anteriormente, estabeleceram-se entre os órgãos públicos e privados ações voltadas ao atendimento das principais demandas podendo-se salientar:

2.3.1 Parcerias

Foram importantes as firmadas entre o Poder Público Municipal e entidades como SENAI, Obra Kolping, FIESC, ACIRS, SENAC, que possibilitaram o estabelecimento de convênios e a canalização de recursos e cursos para formação de mão de obra, treinamentos de costureiras, gestores, mecânicos para máquinas de costuras e disponibilização de espaços físicos.

2.3.2 Feiras e festas

Como frutos destas ações aconteceram as Expovales, que eram feiras com exposição da produção artesanal e industrial local. Aconteceram em número de três, em 1990, 1991 e 1992, sendo que a primeira contou com 30 expositores e a última já com 70 expositores e a criação da Kegelfest, Festa Nacional do Bolão em 1990, baseada nos moldes da Oktoberfest que teve como objetivos, divulgar o município, atrair clientela para a comercialização do Setor de Confecções e inserir-se no calendário estadual das festas de outubro.

2.3.3 Cooperativa e treinamento

- Necessitando de espaço físico, aproveitou-se as instalações da Escola Municipal Otacílio Macedo, desativada, no Bairro Barragem em Rio do Sul, para treinamentos de corte e costura. Para tanto foi fundada uma cooperativa que em muito auxiliaria o setor.

2.3.4 Viagens

Foram incentivadas viagens de estudos, oferecendo subsídios, principalmente no final da década de 80 a visitação a Feiras de Malhas e Costuras. Como exemplo aconteceu uma viagem a Monte Sião em Minas Gerais para participação na 17ª Feira Nacional do Tricô, máquinas e equipamentos.

2.3.5 Vendas

A realização das Feiras como a Expovale, despertou o Setor de Confecção para a necessidade de se possuir um local permanente para a comercialização dos produtos. Nasceram desta idéia dois Centros Comerciais às margens da BR 470 em Rio do Sul. O Fabricenter BR 470, inaugurado em 30/09/1993 e o Pólo Têxtil, inaugurado em 25/03/1994. O Centro Comercial Fabricenter BR 470, foi iniciativa individual de um empresário, que aproveitou galpões de uma antiga madeireira, adaptando lojas para alugar aos fabricantes de Jeans. Iniciou com 13 lojas e depois de dois anos completou as 50 lojas do projeto original. O Centro Comercial Pólo Têxtil, é um condomínio que iniciou com 60 sócios, que construíram 60 salas comerciais.

2.4 Evolução do setor

Os dados a seguir nos mostram a evolução do número de empresas ligadas ao beneficiamento de Algodão:

Período (anos)	Rio do Sul	Ibirama	Ituporan ga	N ^o Total de Empresas
1975-1980	209	58	35	535
1981-1985	210	59	35	539
1986-1990	220	62	36	562
1991-1995	248	64	38	618
1996-2000	342	84	46	805

Tab. 1 – Num. De empresas que beneficiam algodão. Fonte: ACIRS- Associação Comercial e Industrial de Rio do Sul/ Banco de informação empresarial/relatório estatístico de empresas.

3 Diagnóstico da Competitividade

3.1 Situação atual

Algumas condições iniciais, como as citadas anteriormente, foram de fundamental importância para o surgimento e incremento do Setor de Confecções no Alto Vale.

O Setor têxtil, por muitos anos, foi largamente concentrado na região de Blumenau, que com o seu desmantelamento em função dos altos custos com empregos formais, oportunizou muitas opções de fábricas na região do Alto Vale do Itajaí que passaram a trabalhar, por exemplo, para a Companhia Hering.

O Pólo de Confecções do jeans no Alto Vale do Itajaí atualmente é formado por um aglomerado de pequenas e médias empresas, que enfrentam a passagem do regime de acumulação fordista, baseado na produção em massa, para formas mais flexíveis numa economia pós-fordista. Nesta nova situação o dinamismo visando maior consumo, volta-se para o aumento da circulação de mercadorias, crescente participação de novas tecnologias de produção, comunicação, informação e prestação de serviços. O envolvimento regional com a produção de peças de jeans é bem recente mas já envolve uma população regional significativa.

As empresas deste aglomerado, dificilmente terão alcance globalizado se continuarem atuando da forma individualizada que se encontram operando. A vulnerabilidade aumenta na medida que os principais consumidores do jeans local, estão fora do Alto Vale do Itajaí, geralmente nos grandes centros do país, logo, mais abertos a potenciais concorrentes. Ressalta-se que somente 10% da produção deste pólo, é comercializada na região do Alto Vale.

Segundo LANZER (1997, p. 42) os fatores determinantes da competitividade sistêmica podem ser explicados em níveis de alcance e abrangência que se entrelaçam e confundem-se em importância na relação causal para a economia.

No enfoque desenvolvido por ESSER (1994) do Instituto Alemão de Desenvolvimento, (IAD), apud Lanzer, a capacidade competitiva de um setor econômico só pode ser entendida através da análise dos quatro níveis seguintes:

3.1.1 Nível Meta

“...Valores sócio-culturais assumem importância no trato da aprendizagem comum e com políticas dirigidas melhora-se a dinâmica empresarial. O padrão básico sócio-econômico deve ser conduzido pela eficiência visando mercado mundial. Para tanto a sociedade precisa estabelecer consenso e definir estratégias em torno do fim almejado...”

Em relação ao pólo de confecções de Rio do Sul, o que se observa é que não acontece um padrão básico socioeconômico conduzido pela competência na conjugação de políticas e estratégias voltadas para o mercado mundial. A sociedade ainda não estabelece consenso em torno de um objetivo comum sendo que a produção é conduzida de forma isolada voltando todos os interesses para o maior lucro com pouca visão de futuro e inserção cultural.

3.1.2 Nível macro

“...O desenvolvimento da competitividade deve se tornar sustentável através da estabilização no nível macro. A política monetária assume papel fundamental para estimular a produtividade e a geração de divisas, com transparência e justiça social...”

Os empresários locais do grupo de confecções tem pouca força cultural e econômica para promover “lobbys” e enfrentar a política econômica; As altas do dólar

tornam-se um obstáculo demasiadamente elevado para a promoção de ações visando a exportação e a compra de novas máquinas.

3.1.3 Nível meso

“...Políticas de importação e exportação, devem proteger e fomentar ramos industriais com critérios seletivos segundo LANZER (1997, p. 46) e políticas de infra estrutura física, educacional, tecnológica, ambiental, regional e outras não devem ser entraves ao fluxo e difusão da produção já que isto gerará dificuldades na questão da competitividade...”

Este pólo de confecções vive grandes tipos de dificuldades já que existem problemas relacionados a infraestrutura física que não apresenta vantagens competitivas com pouquíssima experiência regional em importações. Cada empresa resolve a circulação de suas mercadorias de forma isolada, e o aeroporto regional situado na vizinha cidade de Lontras não é utilizado por este tipo de comércio e empresários.

As infra estruturas educacionais e tecnológicas são pouco dirigidas às necessidades das áreas de especialização do setor produtivo e a infra estrutura ambiental reforça, a exploração exaustiva dos recursos humanos e naturais, observando-se carência de discussão deste setor em instituições de suporte. Nenhuma ação coletiva de valorização territorial.

Acontece pouco relacionamento das empresas deste pólo com outros pólos do estado como por exemplo Crisciúma que já possui evidência neste setor. A região oferece mão de obra, porém não colhe os frutos deste investimento já que não se projeta no cenário estadual e nacional como tal. Os lucros continuam somente nas mãos dos proprietários e comerciantes que tem aplicado seus dividendos em carros importados e na construção civil de forma mais significativa no litoral do estado.

A participação nos Fóruns municipais e regional é muito pequena tornando o Associativismo pouco expressivo. Não existe uma consciência e preocupação coletiva de adoção de políticas conjuntas para dotar a região com infraestrutura física, industrial, inovação tecnológica e de preservação do meio ambiente. Não acontece participação e discussão em escala regional.

3.1.4 Nível Micro

“...A vantagem competitiva está na maneira como as atividades se articulam e não só na escolha destas atividades. Há que se fortalecer elos entre as atividades das empresas já que estes são básicos nas ações competitivas, bem como a logística. Necessidade de interação entre empresas, fornecedores, prestadores de serviço, clientes etc, gerando inovações, sinergia e fortalecimento das redes...”

A cadeia produtiva deste setor, apresenta vazios e grande parte das necessidades de matéria prima, tecnologia, moda, equipamentos etc, são buscadas fora da região. As empresas locais apresentam também problemas relacionados com flexibilidade, agilidade, qualidade e produtividade, não se observando ações consorciadas.

A utilização de novas técnicas pelas empresas varia muito, sendo que algumas usufruem tecnologia com maquinário de ponta, enquanto outras permanecem em forma artesanal de produção.

Os aspectos administrativos também são resolvidos de maneira isolada por cada empresa, com pouca atuação de entidades suporte, sendo o estado ausente e prefeitura participando pouco.

O grupo encontra-se para pequenas reuniões mais festivas do que de trabalho. As empresas maiores pouco concorrem entre si devido ao grau de parentesco, pelo contrário trabalham muitas vezes de forma cooperada.

Em síntese, no nível micro deste pólo observa-se:

I – Ações Cooperadas:

Vendas a varejo nos pólos de comercialização; Treinamentos; Serviços de lavagem e tingimento; Estilistas.

II – Ações Isoladas :

Aquisição de matéria prima; Produção de peças; Circulação e transporte de mercadorias; Administração; Vendas a atacadistas.

III – Deficiência de ações referentes a:

Pesquisa com moda; Ações e políticas voltadas ao meio ambiente; Estratégicas e políticas regionais voltadas ao setor; Valorizando o potencial endógeno; Ações consorciadas de compra e venda; Banco de Dados; Políticas estaduais de incentivo ao setor; Linhas especiais de crédito para o setor; Políticas de valorização territorial; Marketing coletivo; Vínculo com o setor metal mecânico regional.

4 - Proposta de Ações

Para que as empresas possam trabalhar a competitividade é necessário que tenham uma boa participação no mercado local, regional e internacional, não parecendo fácil a tarefa de interpretar a capacidade competitiva de um pólo de confecções como o de Rio do Sul e região, já que envolve direta e indiretamente a listagem de vários elementos bem como a atitude dos diferentes atores comprometidos com o setor.

A identificação dos elementos que constituem o cenário montado em torno deste pólo de confecções, assume importância para que possamos compreender as forças políticas, econômicas e sociais que o permeiam, enxergando-o de forma mais ampla, com visão de futuro, para tentar uma interação maior com a região como forma de valorizá-la.

A proposta é de montar um Sistema Produtivo Local, visando aumento da qualidade de vida, competitividade, relacionamento aberto com o mundo, alta representatividade e envolvimento nas ações comuns, com demarcação e valorização deste território como singular no cenário regional. Segundo Casarotto (1998 p.12) o ambiente impõe que as empresas sejam parte integrante de um sistema, de uma rede real, viva, baseada em relações e comunicações suportada por uma comunidade de valores e intenções.

Será preciso pensar na região e não só nas empresas da região. As empresas precisam ser desverticalizadas para que a região, autônoma e descentralizada possa ser verticalizada. A governabilidade deverá se buscada de baixo para cima, apoiada em processos endógenos, com a região provocando o desenvolvimento e trabalhando projetos regionais, para impedir a morte das empresas locais e melhorar a vulnerabilidade do sistema existente. Será preciso fazer com que o ganho financeiro fique na região, base da produção, aperfeiçoando-se o tecido econômico social. De acordo com MARSHALL (1982), citado por RAUD (2000), uma indústria local estabelecida por um longo espaço de tempo, propicia que os seus segredos industriais, deixem de ser segredos, e fiquem “soltos no ar”, de modo que até as crianças absorvem inconscientemente grande número deles. Quando se lança um novo invento, uma nova idéia, ela é imediatamente adotada por outros, que a combinam com sugestões próprias e assim os inventos e idéias se tornam uma fonte de novos inventos e idéias.

Há que se pensar na união do Setor Têxtil com o Setor Metal Mecânico e a região lucrar com isso ou seja o desenvolvimento de tecnologias para produção industrial de máquinas de costurar jeans, embalagens, etiquetas, marketing, botões, acessórios enfim tudo o que o setor necessitar. Através da Universidade regional deverão ser fomentados cursos de moda e design e com o Parque Tecnológico desenvolvidas ferramentas e inovações afins, aperfeiçoando-se os sistemas utilizados.

A criação de uma Agência de Desenvolvimento visando a valorização do produto “Jeans” aliada a criação de uma unidade de crédito, como um Banco, que retivesse na região os recursos financeiros dos setores envolvidos, permitiria acessar novas formas de cooperação e desenvolvimento, bem como maior autonomia ao setor.

Um observatório econômico servindo a todas as empresas, apontaria pesquisas de tendências de moda, além de novos nichos de mercado, melhorando compras e vendas.

No que se refere a valorização territorial, promover a atratividade do local, através da criação da Rota do Jeans, na Br 470 que com trato paisagístico e urbanístico imprimiria força e marketing valendo-se do fluxo diário de mais de 5000 veículos/dia na referida rodovia. Há que se salientar que nesta rodovia próximo as maiores empresas, existe uma enorme figueira, que já serve de referência localizacional e poderia ser aproveitada num contexto paisagístico e ambiental e econômico, como fator de agregação de valor. A criação de uma marca regional, como por exemplo o “*Jeans Figueira*”, para a qual todas as empresas pudessem contribuir com seu excedente de produção, ou moda de estação,

seria uma opção também acertada e reforçada pelo grande grau de parentesco e relações de confiança, que envolvem muito dos empresários deste setor.

Em relação aos níveis de competitividade ressaltamos que no mínimo as seguintes ações necessitam serem melhores estudadas e trabalhadas:

5.1 – Nível Micro

- Consórcio para compra de jeans, maquinário, botões, produtos químicos, fios, catálogos, manequins enfim acessórios necessários;

- Trabalhar a Responsividade (da resposta), entrega na data que o cliente precisa.

A qualidade já não é mais fator de competitividade, é obrigação;

- Trabalhar uma rede de empresas flexível, com vários donos, onde todos possam pegar “carona”;

- Desenvolver além do Jeans, que seria produzido em larga escala, produtos especializados, mais elaborados que agreguem maior valor, possibilitando a abertura de novos nichos de mercados;

- A pequena empresa concentrar seus esforços no que ela sabe fazer, que é produzir.

5.2 - Nível Meso

- Verticalizar a região;

- Combater a guerra fiscal regional entre municípios (O trabalho cooperado implicará a população diretamente envolvida obrigatoriamente, uma mudança de paradigmas);

- Valorização e criação de uma Marca Regional (“Vale do Jeans”, “Rota do Jeans”, “Jeans Figueira”, “Jeans Verde Vale”, ...);

- Valorização conjunta do território e paisagem envolvendo setor turístico;

- Instituição do trabalho em rede;

- Região ocupando todos os espaços: Feiras, turismo, máquinas, etiquetas, embalagens, moldes, cursos de moda, desfiles para promoção de modas;

- Equipar aeroporto regional, visando trânsito comercial;

- Fortalecimento do Fórum Regional de Desenvolvimento e criação de uma Agência Regional de Desenvolvimento. Fazer com que estas instituições passem a ser antes de tudo, animadores do processo de desenvolvimento da região e fomentadores de um Pacto social regional.

5.3 – Nível Macro

- Elaboração de projetos para captação de recursos no exterior;

- Abertura de crédito para formação e inovação permitindo aumento da força cultural;

- Organização e estímulo ao associativismo visando formação de políticas dirigidas ao setor.

5 -Considerações Finais

Este trabalho, elaborado de forma acadêmica, trata de uma análise preliminar do pólo de confecção de jeans da região do Alto Vale do Itajaí, necessitando de mais subsídios para conclusões mais precisas. Pelos dados e constatações que se conseguiu levantar, pode-se afirmar que o que existe em Rio do Sul e região do Alto Vale do Itajaí é uma concentração de pequenas e médias empresas, que de acordo com a Carta de Chapecó, é um fator primordial no desenvolvimento regional pela possibilidade de gerar empregos, empreendedorismo e distribuição de renda, voltadas ao mesmo segmento de produtos.

Entende-se que a região precisa caminhar para a formação de um **Cluster** (aglomeração competitiva): Um pólo consolidado onde haja forte interação entre as empresas, estendendo-se verticalmente a jusante, montante, lateralmente, e comportando entidades de suporte privadas e governamentais.

O passo seguinte, seria a formação de um Sistema Produtivo Local (ou Sistema Econômico Local), dotando a região de infra-estrutura necessária que comporte o *Cluster da Confecção* onde o Setor Metal-Mecânico, destaca-se como principal aliado, com interações público-privada, respeito à cultura local e garantias de mais qualidade de vida aos habitantes.

Embora não se disponha de dados precisos, possivelmente hoje o setor de confecções é o que mais gera emprego na cidade de Rio do Sul, sendo o responsável direto pela não falência da cidade quando do fim do ciclo da madeira, fato que sem dúvida deve ser explorado com políticas especialmente dirigidas, sendo uma pré condição importante para o desenvolvimento de um *Cluster*.

BIBLIOGRAFIA

- CASAROTTO Filho, Nelson Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local: Estratégias para a conquista da competitividade global com base na economia experiência italiana, 2ª ed., São Paulo. Atlas. 2001.
- CARTA DE CHAPECÓ. Documento resultante do I Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Local e Sustentável, realizado nos dias 16 e 17 de agosto de 2001, em Chapecó, Santa Catarina.
- LANZER, Edgar. A análise da competitividade sistêmica do setor de móveis em Santa Catarina. BRDE/Funcitec/FEEUC/UFSC.Fpolis 1997.
- THEIS, Ivo. Novos olhares sobre Blumenau: contribuições críticas sobre seu Desenvolvimento recente. Editora FURB. 2000.
- BANCO DE INFORMAÇÃO EMPRESARIAL. Relatório Estatístico de Empresas. 11/06/2001. ACIRS. Rio do Sul –SC.
- PLANO DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL.(Pesquisa). Rio do Sul - SC.1989.